

RYAN  
GRAUDIN



Tradução  
GUILHERME MIRANDA

**S E G U I N T E**  
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Ryan Graudin

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Blood for Blood

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Giovanna Serra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Graudin, Ryan

Sangue por sangue / Ryan Graudin ; tradução  
Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,  
2017.

Título original: Blood for Blood.  
ISBN 978-85-5534-043-7

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

17-04389

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

*Para Kate, escritora talentosa e amiga fiel.*

*Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?*

Ezequiel 37,3

**PRELÚDIO**

**TRÊS RETRATOS DA  
VÉSPERA DE NATAL DE 1945**

A sala de estar estava atulhada de coisas. Era pequena demais para uma mãe, seus três filhos e o galho torto que o mais velho deles havia serrado para fazer as vezes de árvore de Natal. Para onde quer que Felix Wolfe olhasse, havia folhas de pinheiro, bugigangas e rostos. Cada filho observava ansioso os três embrulhos humildes sob o galho, aguardando a permissão da mãe.

— Tomem cuidado para não rasgar o papel — ela instruiu. — Precisamos reaproveitar.

Martin, o mais velho, foi o primeiro. Seu pacote era o menor e guardava um relógio de bolso de segunda mão. Felix abriu sua embalagem com delicadeza, desdobrando os cantos do papel cuidadosamente e alisando os vincos até encontrar um carrinho de brinquedo. Não era novo — tinha um amassado na porta direita e alguns arranhões na tinta vermelha —, mas ele não ligou. A professora tinha ensinado que brinquedos novos eram egoístas, porque desperdiçavam materiais de que o Führer precisava para vencer a guerra. Metal era necessário para fabricar Mauser e balas.

Adele abriu seu embrulho. Dentro, havia uma boneca com cabelo amarelo e olhos de botões azuis de uma blusa de seda velha da mãe. O vestido era feito de retalhos de tecido azul-cobalto, costurados cuidadosamente, com pontos apertados. Assim que sua irmã

gêmea olhou o presente, Felix soube que ela estava descontente. Ele sempre sabia aquelas coisas.

— Fiz outros vestidos — a mãe disse. — Você pode trocar as roupas dela todo dia. E vou ensinar como fazer tranças no cabelo dela.

As tranças da própria Adele bateram em suas bochechas quando ela balançou a cabeça e empurrou a boneca para longe.

— Não quero uma boneca! Por que não posso ter um carrinho como Felix?

A mãe cerrou os lábios. Seus olhos cintilaram como às vezes ficavam quando lia as cartas que o marido mandava do fronte. Aquilo deu um nó na garganta de Felix.

— Toma. — Ele empurrou seu presente para a irmã. — Pode brincar com o meu.

Os olhos de Adele se iluminaram. Ela agarrou o brinquedo. Começou a fazer o barulho do motor e a empurrá-lo pelo chão. Martin estava muito ocupado dando corda no relógio. Felix não sabia direito o que fazer sem seu carro. Pelo menos sua mãe estava sorrindo de novo, secando os olhos enquanto observava os filhos brincarem.

— Tem mais um presente — ela disse.

Os três filhos da família Wolfe ficaram paralisados. Felix olhou embaixo da árvore, mas não havia nenhum outro embrulho. Talvez eles fossem ganhar laranjas. Ou quem sabe a mãe tivesse economizado rações suficientes para assar um bolo de gengibre?

Ela atravessou a sala, desviando dos papéis de embrulho dobrados, das pernas e dos braços dos filhos, e dos presentes deixados de lado. Chegou à porta do quarto e colocou a mão na maçaneta. Fazia muito tempo que não a viam sorrir tanto.

A porta se abriu. Lá dentro, com os braços abertos, estava o pai deles, ainda vestindo o uniforme do Exército. Seu quepe se incli-

nou sobre o cabelo empalidecido pelo sol enquanto ele se ajoelhava para cumprimentar os filhos.

Adele foi a primeira a se jogar em seus braços, gritando “*Papa!*”. Martin — que agora tinha um relógio de bolso e era praticamente um adulto — tentou conter sua euforia num aperto de mão firme. Felix ficou para trás, admirando a visão de toda a família reunida: *Mama* sorrindo ao lado do batente, *Papa* puxando Adele e Martin, que não estava mais tão relutante assim, num abraço de urso. Seu coração se aqueceu enquanto os observava, mais luminoso do que as brasas do fogão a lenha aceso.

Ele queria capturar aquele momento, guardar aquele sentimento para sempre.

— Felix, meu rapazinho! — Seu pai sorriu. Seus braços eram longos o bastante para alcançar o terceiro filho. — Cuidou bem desse bando? Manteve todo mundo longe de encrenca?

Felix fez que sim enquanto mergulhava no abraço.

Seu pai explicou que tinha voltado de vez. A guerra estava acabando no Fronte Oriental e o Exército não precisava mais dele. Nunca mais precisaria partir.

*Chega de despedidas.* O calor dentro de Felix chamejou. Depois de anos de cartas do fronte, com Felix sempre temendo que a próxima anunciaria a morte do pai, a família Wolfe estava novamente reunida.





Fazia muitos meses que o pai de Luka tinha voltado para casa, graças à granada que arrancara seu braço esquerdo. As Kradschützen, tropas de motocicleta de elite que tinham sido parte crucial do ataque ao fronte russo, não tinham o que fazer com oficiais desmembrados, então Kurt Löwe e seu único braço foram enviados de volta para a Alemanha com um distintivo prateado de ferido e uma Cruz de Ferro de segunda classe. Cicatrizes e medalhas: as marcas de um herói de guerra. Luka ficou fascinado por ambas.

Não houve abraços nem sorrisos no reencontro, só um aceno duro de seu pai. Depois, a mãe de Luka explicou que seu pai estava cansado. (Afinal, tinha ficado na guerra por seis anos.) Ele só precisava repousar.

O pai de Luka repousou. Ficava sentado numa poltrona por horas e dias a fio, encarando o retrato do Führer pendurado sobre a cornija da lareira. Quando abria a boca, nunca era para perguntar ao filho como iam as aulas ou para elogiar a comida da mulher, mas para falar sobre a guerra. Contava dos infundáveis quilômetros cobertos de neve que percorrera sobre a moto. Dos tiroteios em que ele e os outros soldados se viram envolvidos. De quantos soviéticos ferira e matara. Tudo em nome de *mein Führer*.

Kurt Löwe repousou por meses, mas os sorrisos e abraços que a mãe de Luka havia prometido nunca chegaram. Nem mesmo na véspera do Natal.

A família Löwe sentou em volta da pequena mesa e comeu a carpa assada em silêncio. Não era o tipo de silêncio contente das missas de Natal, mas um silêncio tenso, preenchido pelo som de mastigação e garfos raspando o prato. Aquilo fazia Luka se contorcer na cadeira.

— Pare com isso — seu pai resmungou do outro lado da mesa.

A mãe lançou um olhar sério para Luka. Ele sossegou. Sentia que estava pisando em ovos. Como se algo estivesse prestes a se quebrar...

O pai estava cortando a carpa em pedacinhos calculados.

— Quando eu estava nas patrulhas noturnas, tínhamos que ser silenciosos como fantasmas. Nos movíamos sem produzir nenhum som. Era preciso, senão levávamos bala.

A mãe limpou a garganta.

— Kurt, não sei se esse é um bom assunto para a ceia...

— Um bom assunto para a ceia? — O pai de Luka socou o tampo da mesa. Ele ainda estava segurando o garfo, e o peixe desfiado pendia dele. — Perder meu *verdammt* braço pela pátria me dá o direito de falar o que eu quiser.

Ela não respondeu. Em vez disso, baixou o garfo e olhou para Luka.

— Quer abrir seu presente agora?

O menino se endireitou na cadeira e fez que sim. Estava esperando por aquele momento havia semanas. A única coisa que Luka queria era uma bicicleta (reluzente e vermelha). Às vezes, Franz Gross o deixava brincar com a dele. Os meninos se alternavam fingindo fazer parte da *Kradschützen*, acelerando o motor imaginário enquanto atravessavam fileiras de comunistas invisíveis.

— Seu presente está do lado do calendário do Advento — disse a mãe. — Vai lá buscar!

Não tinham árvore aquele ano, mas a mãe de Luka havia montado o calendário do Advento sobre a cornija da lareira. Quase todas as vinte e quatro portas de papel estavam abertas, revelando a Natividade pintada à mão: Maria, José e o Menino Jesus reunidos no celeiro, cercados por animais curiosos e fios de feno. Anjos de olhos azuis pairavam sobre a Sagrada Família, e uma única estrela brilhante pendia. Acima dela...

Assomava-se o rosto imortalizado do Führer, e seus olhos pintados seguiam Luka enquanto corria até o embrulho ao lado do piso da lareira. A caixa, embrulhada em jornal velho, era pequena demais para conter uma bicicleta. As manchetes antigas falavam do avanço da Wehrmacht através da Rússia, da vitória iminente e inegável do Reich. A foto do Führer dando um discurso sobre o futuro da Nova Ordem estava impressa no embrulho. Luka rasgou o jornal e encontrou um novo par de sapatos e um revólver de brinquedo. Encarou os presentes, sentindo o gosto amargo da decepção.

— O que achou, Luka? — O pai o havia seguido até a sala de estar e assistia a tudo em silêncio.

— Sei que queria uma bicicleta — disse a mãe do batente, com a voz doce —, mas as da loja de *Herr Kahler* eram muito caras. Talvez ano que vem, quando a guerra tiver acabado.

Nada de bicicleta. Depois de semanas, meses, anos de espera... ainda nada de bicicleta. Uma vontade de chorar subiu pela garganta de Luka.

— Para que você precisa de uma bicicleta? — o pai perguntou. Sua mão se ergueu até a Cruz de Ferro de segunda classe que pendia do botão de sua túnica militar. — Você vai a pé para a escola.

— Eu... queria brincar de *Kradschützen* com Franz. — Assim

que as palavras saíram da boca de Luka, ele quis voltar atrás. Mas era tarde, e as lágrimas já escorriam por seu rosto.

— Brincar? — O rosto do pai endureceu. Algo em seus olhos azuis e sem vida lembrou a pintura sobre a lareira. — Você quer *brincar* de Kradschützen?

— Quero ser igual a você.

Num único movimento de blitzkrieg, o pai de Luka soltou a Cruz de Ferro e pegou o filho pelo colarinho. A mãe se encolheu junto à porta enquanto ele arrastava o menino na frente dela, atravessando a cozinha e saindo pela porta.

Nevava bastante. Os dedos do pai continuaram firmes na gola de Luka quando parou sobre um monte de neve que aumentava cada vez mais.

— Quer ser igual a mim? Passei mais noites do que você é capaz de contar com climas muito mais frios do que este. Enfiado numa toca de raposa *verdammt* enquanto os comunistas tentavam enfiar uma bala na minha cabeça. Acha que eu passava o tempo choramingando?

Luka fez que não. Havia mais lágrimas agora turvando suas pálpebras.

— Não demonstre emoção. — Kurt Löwe sacudiu o filho com violência. — Nunca demonstre emoção. Lágrimas são uma fraqueza. Não vou aceitar um filho fraco. Você vai ficar aqui até parar de chorar.

Luka tentou, mas o nó em sua garganta só ficou mais apertado. As lágrimas que já haviam caído estavam começando a machucar suas bochechas, queimando de tão geladas.

Descalça no batente, a mãe tremia, também à beira das lágrimas.

— Kurt! Ele vai congelar!

— Você deixou nosso filho crescer fraco e ingrato, Nina. Encheu a cabecinha dele de arte e *Scheisse* metida à besta! Se eu con-

segui suportar um inverno inteiro nessa neve, o mínimo que ele pode fazer é ficar dez minutos nela.

— Você tinha um uniforme para se aquecer! Luka está sem casaco.

Kurt Löwe voltou a encarar o filho: curvado, com os dentes batendo e a canela enfiada na neve. Ele entrou na casa e retornou momentos depois com sua jaqueta de couro marrom e sua plaqueta de identificação. Ambos foram jogados nos braços de Luka.

— Vista.

A jaqueta era grande demais; as mangas iam muito além dos dedos de Luka, descendo até o monte de neve. A plaqueta de identificação pendia até seu umbigo.

— Jovens alemães têm de ser fortes. Resistentes como couro e duros como aço. — O pai apontou para a jaqueta e a plaqueta de identificação. — Fique firme. Só bata na porta quando as lágrimas tiverem secado.

Como uma ceifa, o único braço de Kurt Löwe cortava a neve que caía enquanto marchava de volta para casa. Quando a porta se fechou, Luka tentou limpar as lágrimas com a manga enorme. Seu pai estava certo. O couro era duro, resistente demais para secar as lágrimas.

Luka ficou parado, olhando fixamente para a janela acesa da cozinha — minuto após minuto gélido, enquanto suas pernas perdiam a sensibilidade e seu coração se endurecia —, à espera de que sua tristeza secasse por conta própria.



Um bolo de gengibre recém-assado repousava no batente da janela da casa. A fresta aberta tinha poucos centímetros, o bastante apenas para deixar o frio entrar. O calor do doce subia numa nuvem de vapor, levando aromas de cravo, gengibre e melão por todo o curral até o celeiro.

Yael se esforçou ao máximo para ignorar o cheiro. Já estava pronta para dormir, deitada nas pilhas de feno que faziam seu corpo coçar. O celeiro até que era quente, e o punhado de aveia que ela havia roubado do pote de comida dos cavalos afugentava a fome corrosiva.

Mas o bolo de gengibre...

Em seus sete anos de vida, Yael não se lembrava de ter comido algo que cheirasse tão bem quanto aquele bolo. A comida no gueto era escassa. A comida no acampamento era escassa e podre. (Porções de mingau, legumes estragados, pão mofado.) Desde que ela havia escapado das cercas de arame farpado usando suas habilidades para assumir a forma da filha do *Kommandant*, sua alimentação tinha melhorado muito. No verão, a floresta se enchia de amoras e cogumelos. Os pomares ficaram tão cheios de frutas no outono que as mulheres dos fazendeiros nunca pareciam notar as maçãs que faltavam de suas árvores. Agora que o clima estava mais rigoroso, Yael se abrigava nos celeiros, sustentando-se com a comida dos cavalos, na

esperança de que os donos não notassem que os animais estavam comendo o dobro sem engordar.

Fazia uma semana que ela espreitava aquele celeiro em particular. Era um período excepcionalmente longo, mas a família que morava naquela casa andava distraída demais com as festas para perceber a presença dela. Yael observava o processo todo da segurança do celeiro. A decoração da árvore, as músicas, os bolos...

Ela tinha visto a mãe bater o bolo até chegar a uma massa marrom-escura. Uma das filhas loiras (a mesma que caminhava na neve até o celeiro toda manhã, cuja respiração congelava o ar enquanto cantava “Noite feliz” sozinha e ordenhava a vaca sem fazer ideia de que Yael a ouvia do sótão) colocou a assadeira no forno. A outra descascava batatas. Os dois irmãos jogavam damas na mesa da cozinha em meio a risos e cotoveladas.

A família estava reunida na sala agora, jantando e esperando o bolo de gengibre esfriar. A aveia no estômago de Yael não parecia suficiente enquanto os observava. Ela queria estar naquela casa. Feliz e saciada, e não sozinha.

Aquilo era impossível, claro.

Ela não era um deles. Nunca poderia ser.

Mas poderia roubar aquele bolo.

A vaca leiteira soltou um mugido lento e preguiçoso como saudação quando Yael desceu a escada do sótão. Antes de sair do celeiro, a menina se certificou que a manga do suéter estava abaixada, escondendo os números tatuados em seu braço. Seu cabelo emaranhado era dourado como palha. Seus olhos, claros e azuis. Ninguém ia reconhecê-la pelo que realmente era.

A neve caía grossa o bastante para cobrir suas pegadas no curto trajeto até a janela da cozinha. Depois de alguns minutos, não haveria nem sinal de que ela havia passado por ali. Só a janela aberta e a assadeira vazia.

Yael atravessou o pátio discretamente, ignorando o ardor da neve atravessando seus sapatos finos. O cheiro de bolo de gengibre estava mais forte agora, e os risos da família, mais altos. Ela conseguia ouvir um dos meninos contando uma piada sobre vacas falantes andando de bicicleta. A irmã mais nova ria tanto que chegava a guinchar.

Yael agachou embaixo da janela, estendendo a mão para a assadeira com os dedos famintos.

— E aí a primeira vaca virou pra segunda e disse...

— AI!

Yael, que sempre era tão silenciosa, tão cuidadosa, não havia considerado que um bolo fumegante significava que a assadeira ainda estava quente. Ela cobriu a boca, mas era tarde demais. A irmã mais nova parou de rir. Cinco cadeiras se arrastaram pelo piso da casa enquanto a família levantava de um salto.

— O que foi isso?

— Eric — a mãe disse a um dos meninos —, vá buscar o fuzil.

Yael já estava correndo pelo campo, deixando um rastro de pegadas atrás dela. A porta da casa se abriu com um berro. Ela não parou. Não olhou para trás. Aquilo foi bom porque...

BUM.

*Noite feliz. Noite feliz.*

*Eis que no ar um tiro vem cantar.*

Ela não era um deles. Nunca poderia ser.

Yael não poderia voltar ao celeiro (Eric com suas piadas de vaca e sua espingarda louca para atirar seguiria suas pegadas até lá), então ela fez o que sempre fazia.

Continuou correndo.